

HISTÓRIA E MEMÓRIA DOS MIRANDA, UMA FAMÍLIA DE DESCENDENTE DE ESCRAVOS DA COMUNIDADE LAJES, OURO BRANCO-RN

Rosângela Costa de Araújo¹

Helder Alexandre Medeiros de Macedo – Orientador²

RESUMO

O trabalho se pauta na lei 10.639/03, que versa sobre o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana, ressaltando a importância da cultura negra na formação da sociedade de Ouro Branco. Alterada pela lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas do território nacional. Com a obrigatoriedade da lei em vigor todas as escolas da rede nacional precisam adequar o seu currículo de forma a incluir em seu conteúdo programático os mais variados textos dos contextos que retratam as contribuições dos afro-brasileiros e índios. O que não implica apenas em retratar no currículo apenas os conteúdos selecionados nos livros didáticos em especial no livro da disciplina de história, como também a diversidade de temas que contribui para o conhecimento na educação da história local. O artigo especifica uma família de sobrenome Miranda, da comunidade Lajes, que são descendentes do casal de escravos José Miranda e Luzia dos Santos. O casal como consta no livro de registro pertencia no ano de 1858 ao capitão Gorgônio Paes de Bulhões, residiu na fazenda Timbaúba. Pautada por documentação, leituras e entrevistas a pesquisa se debruça sobre a escrita da história da família Miranda e sua importância na construção da memória social de Ouro Branco.

PALAVRAS-CHAVE

Família Miranda. Fazenda Timbaúba. Ouro Branco. Escravos.

¹ Discente do Curso de Especialização em História e Cultura Africana e Afro-Brasileira – Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Centro de Ensino Superior do Seridó (CERES), Campus de Caicó, Departamento de História (DHC). Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Integrada de Patos – FIP. Professora da Rede Municipal de Ensino, Escola Municipal Severina Ernestina Abigail (Caicó-RN). E-mail: rosedjinhaob@hotmail.com

² Professor do DHC, CERES, UFRN. E-mail: heldermacedox@gmail.com

INTRODUÇÃO

No presente trabalho discutiremos aspectos ligados à história e memória de uma família conhecida em Ouro Branco-RN como os *Miranda*, cujos membros, em sua grande maioria, residem entre as comunidades Lages e Timbaúba do mesmo município. Os Miranda são descendentes de escravos que pertenceram ao primeiro dono da fazenda Timbaúba, Gorgônio Paes de Bulhões. Outros membros, além daqueles de Ouro Branco, residem na cidade de Caicó-RN. Por ser uma família de descendentes de escravos, e considerando que não existem estudos específicos voltados para tal temática no contexto de Ouro Branco, achamos válido buscar informações referentes a essa família, por meio da história e da memória.

O conhecimento a nós fornecido sobre eles surge, eminentemente, de conversas com moradores da referida cidade, assim são referências presentes no cotidiano dos ourobranquenses, que, necessariamente, precisam ser documentadas. Tendo em vista que a historiografia local de Ouro Branco não enfatizou, diretamente, o seu passado ligado aos negros (AZEVEDO; LUCENA, 2015), torna-se importante, assim, o fato de discutirmos tal presença a partir de uma família, os Miranda.

O trabalho ganhou maior respaldo, também, em virtude da autora ser educadora e pertencente à comunidade de Ouro Branco, além de identificar-se com a história dos descendentes da família Miranda. Tal história, expressando a contribuição da presença negra em Ouro Branco, evoca, também, sua importância para a história e cultura locais.

A Lei 10.639/03 versa sobre a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira no currículo das escolas de todo o país (BRASIL, 2003). A educação é um ambiente que é palco para a construção e desconstrução de conhecimentos e ideias que visam formular objetivos que atendam a perspectivas, convivências e conquistas. Até o presente momento, conquistas significativas foram alcançadas em reconhecimento aos menos favorecidos, em se tratando do histórico dos relacionamentos que fogem à visão branqueadora, sendo relações étnico-raciais. Tais

conquistas dizem respeito às novas formações familiares do branco com o negro ou vice-versa.

Com a obrigatoriedade da lei, todas as escolas da rede nacional precisam adequar o seu currículo de forma a incluir, em seu conteúdo programático, os mais variados textos e contextos que retratam as contribuições dos africanos, afro-brasileiros e índios. O que não implica, apenas, em retratar no currículo os conteúdos selecionados nos livros didáticos, em especial, no livro da disciplina de História, mas, também, refletir sobre a contribuição de tais povos para a história local e regional.

Como medidas pertinentes para reparar a falta de reconhecimento existente nas diferentes formas de se expressar dos povos africanos, afro-brasileiros e indígenas, muitas pesquisas podem e devem ser realizadas com temas que retratem sua contribuição na formação do povo brasileiro. Dessa forma, ao discutirmos aspectos ligados à história e à memória dos Miranda estaremos contribuindo com a produção de conhecimento acerca da história local, com ênfase no passado e presente ligado aos negros, que poderá, inclusive, fomentar outras pesquisas e aprofundamentos sobre o tema.

Partindo do que foi afirmado, nos indagamos: como o tronco familiar dos Miranda é referido na história e na memória de Ouro Branco-RN? A relação entre história e memória, aqui pensada, partiu da leitura de Maurice Halbwachs (2006) e de Jacques Le Goff (1994).

Para atingir o objetivo proposto, partimos de revisão bibliográfica, especialmente em livros de história local e regional, aliada à consulta de documento histórico relativo ao recorte espacial em estudo, armazenado no Laboratório de Documentação Histórica (LABORDOC) da UFRN – CERES – Campus de Caicó. Também efetuamos entrevistas informais com um total de 4 pessoas da família Miranda, com o objetivo de verificarmos, a partir da memória, quais suas representações sobre o tronco familiar e sua própria história.

Na próxima seção esboçamos o resultado da discussão proposta e, logo em seguida, as nossas considerações finais.

OS MIRANDA E SUAS RAÍZES NEGRAS

Discorrer sobre a família Miranda e sua história é problematizar situações que aconteceram/acontecem no contexto social das terras que, posteriormente, viriam a ser chamadas de Ouro Branco, envolvendo as relações interpessoais e vivenciais de grupos com troncos familiares ligados a famílias de negros e de não-negros. Assim, refletir sobre os Miranda é embarcar na história do atual município de Ouro Branco e atentar para a sua colaboração no processo histórico de formação do lugar e de seu povo.

No livro *Ouro Branco: De 1722 a 1954* de José Fabrício de Lucena que fala sobre os escravos nas páginas 107 a 115, todas são dedicadas aos registros de escravos registrados e que existiram na comunidade de Ouro Branco. Relatar através de escrito sobre essas famílias é uma maneira de contribuir para educação e a história local como uma fonte para o reconhecimento de pertença a essas ramificações que descendem a formação da localidade.

O livro relata a vivência de uma família de sobrenome Miranda, da comunidade Lajes, que são descendentes do casal de escravos José Miranda e Luzia dos Santos (também chamada, em outros documentos, de Luzia Maria da Conceição). O casal como consta no livro de registro pertencia no ano de 1858 ao capitão Gorgônio Pais de Bulhões, residente no sítio Timbaúba, como consta no assento de casamento:

Aos vinte e cinco dias do mez de Junho de mil oito centos e cincoenta e oito na Fazenda = Timbaúba = desta Freguezia, às nove horas da manhã, tendo precedido as canônicas Denunciações Christã, o Padre Targino de Souza Silva, de licença minha unio em Matrimonio por palavras do presente e deo as Benções Nupciais aos contrahentes José Miranda, e Luzia dos Santos, meos parochianos, crioulos,escravos do capitão Gorgonio Paz de Bulhões, morador nesta freguezia em prezença das testemunhas Pedro Teixeira da Fonsêca, e Januncio Sallustiano da Nobrega, casados, desta Freguezia; de que para constar fez o dito padre Assento, que assigno com as testemunhas, á visa do qual lavrei este Termo, que assigno.

O Vigr °. Francisco Justino Pereira de Brito

A comunidade Timbaúba que é localizada no município de Ouro Branco-RN, e onde foi construída a sede da fazenda Timbaúba dos Gorgônios, hoje existe cerca de trinta famílias residindo naquela localidade.

Provavelmente, e de acordo com o que me foi informado em conversa com alguns dos descendentes dos Miranda, pode se considerar que o nome Timbaúba é proveniente de uma grande árvore de Timbaúba que existiu as margens do rio Quipauá próximo a Casa Grande da Timbaúba, nome que é derivado do termo tupi timbo'íwa, que significa “árvore da espuma”.

Manoel Miranda nasceu em 1871 na Timbaúba, é um dos filhos do casal José Miranda e Luzia dos Santos e pai de Chico Miranda que faleceu no ano de 2015 com quase cem anos de idade. No referido período, José Miranda já pertencia a José Venâncio da Nóbrega, filho de Gorgônio Pais de Bulhões, enquanto que Luzia foi libertada, como consta no registro:

Vários são os descendentes do casal de escravos da fazenda Timbaúba que existem e que residem entre as comunidades Lages e Timbaúba na atualidade. Dentre eles, Maria Anunciada da Silva, conhecida como Baiata, que é filha de Francisco Luiz da Silva. Seu Chico Miranda que faleceu em 2015, com 96 anos, era filho de Manoel Miranda, nascido em 1871, o então filho do casal, José Miranda e Luzia dos Santos.

Descendem também da família Miranda, Vital Marcelino Dantas, atual presidente da Irmandade dos Negros do Rosário da cidade de Caicó-RN. Vital Marcelino Dantas é filho de Teresa Maria da Conceição, residente na cidade de Caicó e também neta de Manoel Miranda. Vital Marcelino tornou-se presidente da Irmandade dos Negros do Rosário por pertencer à família Dantas, por parte de seu pai.

A Fazenda Timbaúba dos Gorgônios, pela historiografia local e regional, é tida como um lugar onde habitaram escravos (DINIZ, 2008). O casarão foi tombado no Estado do Rio Grande do Norte, como Patrimônio Histórico Estadual em 1987 através da Fundação José Augusto. O tombamento conferiu maior respaldo historiográfico ao casarão.

Gorgônio Pais de Bulhões nascido em 1810 era filho de Cosme Pereira Costa e de Maria Pereira Costa. O seu pai era uma lendária figura do Seridó, proprietário antigo da Fazenda Umari (DINIZ, 2008). Gorgônio Pais foi nomeado Alferes da 2ª Companhia do Esquadrão de Cavalaria da Guarda Nacional em 1837, numa época em que as patentes da Guarda Nacional poderiam ser adquiridas por determinado valor: quanto mais graduada era a patente, mais dinheiro era necessário para comprá-la (LUCENA, 2015).

Mulato e cabra foram designações endereçadas aos escravos em diversas ocasiões, uma delas é a citação em testamento. O fragmento a seguir exemplifica bem os termos.

Gorgônio casou com Inacia Maria da Conceição no ano de 1833, com quem teve dois filhos, Janúncio Salustiano da Nóbrega e Ana, a filha logo faleceu e em seguida ficou viúvo. Inventário de Inacia Maria da Conceição do ano de 1839, inventariante: Gorgônio Paz de Bulhões; 1 escravo de nome Francisco crioulo de 15 anos valia 300 mil réis; 1 escravo de nome Manoel mulato de 15 anos robusto valia 300#000; 1 escravinho cabra Manoel 3 anos de idade valia 100#000; 1 escrava mulata de nome Isabel valia 300#000; 1 escrava Tereza mulata de 10 anos valia 200#000; 1 escrava crioula Josefa de 11 anos valia 200#000. Bens de Raízes: 800 braças de terra com meia légua de largura no sítio da Timbaubinha terras de criar Ribeira do rio Cupauá, valia 400#000; 62 braças e meia de terras de criar no sítio do Espírito Santos da parte do sul na ribeira do rio Cupauá valia 50#000. Uma sorte de terras no sítio do Barbosa de cima em diviso com mais herdeiros valia 20#000. No sítio da Timbaubinha uma casa de taipa coberta com 2.000 mil telhas com 8 portas 2 janelas tudo com fechaduras mais 2 mesas com gavetas uma caixa grande de arrumar roupas 2 camas 2 currais de jurema, cercado roçado e mais benfeitorias 100#000; metade de uma casa de tijolo cita na Vila do Príncipe na rua de cima 100#000. (LABORDOC, UFRN, CX335)

A nomenclatura mudava, quando se tratava do escravo – negro, mulato, cabra, etc. –, todos arrolados como objetos inventariados. Crianças, jovens e adultos poderiam ser tidos como escravos e constar nos inventários.

Posteriormente à morte de Inácia Maria, Gorgônio Pais casou-se com Mariana Ubelina da Nóbrega, prima de sua primeira esposa e natural da cidade de Santa Luzia-PB, com quem teve nove filhos: Coronel Janúncio Salustiano da Nóbrega, o então dono da fazenda Pedreira; Ana; Francisco Pereira da Nóbrega; José Gorgônio da Nóbrega (Zuza); Remígio Nóbrega; Gorgônio Pais de Bulhões da Nóbrega; Venâncio Nóbrega e Teodora. Uma família que se destacou como detentora de fazendas de criação de gado no Seridó. Os filhos construíram outras unidades produtivas nas proximidades da Timbaúba, como a Cabaceira, a Buriti, a Quebra Perna, a Gurupá e a Pedreira.

Na região do Seridó, esses fazendeiros que com os longos períodos de seca destruíam uma boa parte dos rebanhos, os criadores necessitavam reconstruir os seus rebanhos de gado nos sertões do Piauí, formando para isso comitivas com muitos outros animais que seguiam para Pombal/PB até o Piauí, onde arrendavam cercados para

colocar o gado que compravam e regressavam com esses animais para a região do Seridó para fazer a engorda e revendê-los no Brejo.

Essas viagens aconteciam no período do inverno, época em que o pasto, comida dos animais, e a água existiam em abundância. As viagens duravam cerca de três meses, ida e a volta. O maior perigo dessas viagens eram os grupos de cangaceiros que atacavam as comitivas, chegando a matar os seus integrantes para roubar seus rebanhos. Acredita-se que foi o que aconteceu com o capitão Gorgônio Pais, enterrado em São Mateu, Piauí, como consta nos registros de óbitos da Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Jardim do Seridó-RN:

Aos dois dias do mez de Maio de mil oito centos e sessenta e cinco foi sepultado no Cemiterio da Freguesia de São Matheo em huma catacumba, o cadáver do Capitão Gorgornio Paz de Bulhões, morador que era nesta Freguesia, viúvo de Marianna Umbelina da Nóbrega, falecido de lesões, que o commettêrao nos sertões do pyauhy, donde regressava, na idade de cincoenta e dous annos, com os Sacramentos: foi invôlto em habito preto, e encomendado solenemente pelo Reverendo Parocho daquela Freguesia. De que para constar fiz este assento, que assigno”.

O Vigrº. Francisco Justino Pereira de Brito.

Após sua morte, um dos seus filhos e sucessor, Zuza Gorgônio, assim foi apelidado na época, assumiu a fazenda, mantendo o comércio do gado, desenvolvendo a fazenda até mesmo quando essa atividade não custeando mais lucros vantajosos e assumindo o seu lugar a lavoura do algodão, trabalho que é implantado nas terras férteis do vale do rio Barra Nova. Zuza Gorgonio era casado com Ana Floripes de Medeiros Barros, que era conhecida como D. Nanu. Juntos desenvolveram a fazenda da Timbaúba, construindo um bom patrimônio em gado e terras, legando-a aos seus descendentes. Um de seus descendentes era a filha Maria Lourdes da Nóbrega, que casou com Clóvis Lamartine de Faria, filho do ex-governador do Rio Grande do Norte no período de 1928 a 1930, Juvenal Lamartine de Faria. Clóvis Lamartine e Maria Lourdes eram os pais de Pery Lamartine, aviador e escritor e autor do livro: Timbaúba uma fazenda no século XIX, livro no qual o autor relata as suas vivências e experiências de infância e adolescência, momentos vividos ao lado dos seus avós maternos, os então administradores da fazenda Timbaúba.

Pery Lamartine retrata também, em seu livro, o chão, falando do terreno fértil da fazenda que é localizada na ribeira do rio Quipauá, atual rio Barra Nova; das benfeitorias realizadas na Casa Grande, que é construída em cima de um alto, para aproveitar melhor os ventos frescos, com uma posição mais vantajosa. Fato que também decorre em virtude dos ataques dos cangaceiros que aconteciam com frequência na época. Uma construção de alpendre, duas águas construída com madeira, pedras, telhas e tijolos, materiais produzidos e encontrados na própria fazenda. Hoje se encontra tombada pela Fundação José Augusto, desde o ano de 1987.

A Casa Grande da Fazenda Timbaúba dos Gorgônio, como é chamada, é uma bela construção do século passado que resiste ainda à civilização e o tempo, um estilo da época, que era chamada de Colonial rural do Seridó. Construída sobre alicerce de pedra, paredes em tijolos, com reboco e caiada, a cobertura é de madeira, com duas quedas de águas, com empena lateral e um sótão. Constituída por vinte (20) compartimentos, sendo assim distribuídos: 01 alpendre, 02 dispensas, 01 corredor, 01 sótão, 01 banheiro, 05 salas, 08 quartos, dos quais 02 ao lado da estrutura central da casa que eram destinados aos escravos que eram propriedades do dono da fazenda.

A maioria dos fazendeiros não possuía mais de seis escravos, acrescidos de alguns filhos de escravas que, nascidos após a Lei do Ventre Livre, prestavam serviços aos senhores de seus pais até a idade da emancipação. O braço escravo era distribuído do seguinte modo: um carreiro, outro vaqueiro e dois ou três para os trabalhos da pequena lavoura. (LUCENA, 2015)

As escravas, por sua vez, tinham as seguintes ocupações: uma cozinheira, uma copeira, em regra já liberta pela Lei do Ventre Livre. Dos trabalhadores da fazenda Timbaúba no século XIX destaca-se a negra Rosária, filha, também de escravos. Quando nova, era lavadeira da casa Grande. Viveu na casa até morrer. Tinha um filho chamado Manuel, com o apelido de Pacheco, nascido na fazenda. Pacheco foi o foguista do vapor e o motorista da fazenda, quando foi comprado um automóvel; era músico, tocador de rabeca nas festas dos povoados mais próximos.

Os trabalhos artesanais quem liderava era a D. Nanu. As mulheres geralmente se ocupavam em confeccionar a renda de almofada, varandas de rede roupas costurada à mão, ou em máquinas de mão. Da palha da carnaubeira, de grande abundância na localidade, eram confeccionadas as esteiras, vassouras, bolsas e chapéus. Assim como os artigos de couro e de madeira, como cangas, caixões de anjo, eixos de carro de bois,

paus de cangalhas, arreios, peias, esteira de sela, cabrestos, urus e outros também eram todos fabricados na fazenda.

(...) os valores culturais daquela Fazenda foram preservados ao máximo possível. Hoje, porém, resta apenas aquele casarão simpático, acolhedor, porém sem a presença humana. Um testemunho concreto do que foi uma Fazenda do Seridó, No século XIX. Cabe a nós, da geração presente e das futuras, fazê-la reviver, pois as imagens de Zuza Gorgônio, D. Nanu, Tia Neném, Zé Gordinho, Negra Rosária, Pacheco Z é Libâneo, Murixaba e tantos outros personagens que se encerraram ali, permanecem-no ar e na memória que se encerram ali, permanecem no ar e na memória dos vivos que tiveram o privilégio da convivência com aquela fazenda.” (LAMARTINE,1984, pg.66)

Zuza Gorgônio faleceu no ano de 1942 com 88 anos e D. Nanu faleceu na casa Grande em março de 1953.

Não existe mais a grande e a antiga árvore de Timbaúba, foi destruída e queimada. Mas, atualmente, existem dois pés de timbaúba, nascidos nos arredores da Casa Grande. A fazenda Timbaúba, por volta de 1790, era chamada de Timbaúba das Lajes em virtude da ligação e proximidade entre as duas comunidades: Lajes e Timbaúba. São muitos os descendentes da família Miranda localizada entre as duas comunidades mais precisamente na comunidade Lages.

Durante a pesquisa e entrevista realizada entre alguns descendentes da família dos Miranda, constatamos que os mesmos não conheciam quase nada da história de sua descendência, se identificavam como Miranda, mais no nome de registro apenas dois são registrados com o sobrenome Miranda.

Manoel Miranda, filho de João Miranda e Maria dos Anjos era neto do casal de escravo José Miranda e Luzia dos Santos, era registrado com o nome de Manoel Deother dos Santos, descendente mais antigo dos Mirandas, conhecido como Manoel Miranda da Estrada. Todos os seus netos sabiam o seu nome de registro e o chamavam de Pai Miranda. O seu nome é constatado nos registro de divisão de terras que tem como dono Zé Cunha, proprietário de terra da comunidade Timbaúba. Manoel Deother dos Santos era pai de Manoel Miranda, que era registrado como Manoel Bernadino de Maria, pai de um dos entrevistados e o único conhecedor da história a fundo de sua descendência. O senhor Agostinho Hermínio de Maria, de 68 anos, conhecido como Agostinho Miranda.

Seu Agostinho disse com precisão que escutava a história por seu pai e avô, que eles eram descendentes de um casal de africanos, que vieram cativos da África e que veio para o Brejo, que foram trazidos do Brejo para cá, mais precisamente, para a Boa Vista de Parelhas e de lá vieram os escravos que construíram a Casa Grande ou a Fazenda dos Gorgônios, que construíram carregando nas carroças de boi o barro para confecção dos tijolos e das telhas e a madeira.

O sobrenome “Miranda” foi recebido do antigo senhor do Brejo, um senhor de engenho que se chamava Alfredo Miranda.

Francisca Ana dos Santos, Nanã, como assim é conhecida, é uma figura de destaque das comunidades, Lajes e Timbaúba, principalmente por sua influência religiosa. É descendente dos Miranda, filha de José Miranda, que é registrado como José Leontino de Miranda, segundo dos filhos que se tomou conhecimento que tem sobrenome Miranda. Nanã identificou o pai como sendo “cafuso”, ou seja, o negro de cor mais clara por ser misturado com o índio e se auto identificou como sendo “Fula”, a também mistura de negro com índio, pois relatou que a sua mãe era uma cabocla vinda do Brejo. Fez questão de dizer sua descendência e que era registrada de pai e mãe e que não era filha de “Moita,” como assim eram chamados os filhos de mãe solteira. Relatou o preconceito existente na história por um dos fundadores da cidade de Ouro Branco, conhecido como senhor Cirilo, que, em um momento de escolha do nome do município para Manairama, fez uma brincadeira pejorativa de não aceitação ao nome, por lembrar o nome de Mané Miranda. A mesma retrata o preconceito sofrido pela diferença da cor.

Descendente também dos Miranda e muito conhecida na comunidade de Ouro Branco, era Balula, que morava na comunidade Lajes e que durante muitos anos, representou a cozinha dos agricultores nos desfiles da festa religiosa da Colheita que é realizada na comunidade em homenagem ao Homem do Campo, entre os meses de Junho/Julho, na época da colheita nos anos de chuva. Balula desfilava sempre em cima de um caminhão, fazendo o movimento de pilar o milho, segurando a mão de um pilão, representando a mulher do campo com o seu trabalho significativo em outras décadas.

Buscamos, aqui, apresentar e contribuir com a história local a partir das peculiaridades da história negra de Ouro Branco, em atendimento à Lei 10.639/03. O conhecimento da própria história e a dos nossos antepassados é uma maneira de deixar vivo o conhecimento que foi adquirido em gerações.

Sem o conhecimento é favorecer o sentimento de negação de pertencer a um grupo aparentemente esquecido, principalmente quando se é parte de grupos menos

favorecidos que ficam a margem da história apenas com as suas lembranças sem serem arquivadas e documentadas.

Ao retratar a especificidade e as contribuições nas mais diversas dimensões de uma família afro-brasileira local contribuímos para reflexão da história da comunidade que, porventura, não seja conhecida.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Djalмира Sá. **Família Miranda**. 2011. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/familia-miranda/38620/#ixzz46DKcTNjV>>. Acesso em 16 de abr.
- BARROS, José D' Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. 8. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- DINIZ, Nathália Maria Montenegro. **Velhas fazendas da Ribeira do Seridó**. São Paulo, 2008. 205p. Dissertação de mestrado na área de História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo – FAUUSP.
- LUCENA, José Fabrício de. **Ouro Branco: de 1722 a 1954**. Editora Gráfica IDEAL LTDA. Patos, PB, 2015.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.
- LAMARTINE, Hyperides. **Timbaúba uma fazenda no Século XIX**. NOSSA Editora/Artigiano. Natal, RN, 1984.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernado Leitão... [et al.] –3.ed. – Campinas, SP : Editora da UNICAMP, 1994.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 2ª edição Revista e Ampliada. Edições Loyola, São Paulo, 1996.

FONTES:

Entrevistas realizadas com os integrantes da família dos Miranda no ano de 2016.

ABSTRACT

At work in question I will address the peculiarities dealing laws 10.639 / 03, which deals with the teaching of history and african-Brazilian and African culture, emphasizing the importance of black culture in the formation of the Ouro Branco society. Amended by Law 11,645 / 08, mandating the teaching of history and african-Brazilian and African culture in all schools of the country. With the requirement of the law in force all schools of the national network need to tailor your resume to include in its curriculum the various texts of the contexts that portray the contributions of african-Brazilians and Indians. This does not mean only to portray the curriculum only the selected content in textbooks especially in the book of the discipline of history, but also the diversity of themes that contributes to knowledge in the education of local history. The article specifies a family of Miranda surname, the Lajes community, which are double the descendants of slaves José Miranda and Luzia dos Santos. The couple as stated in the record book belonged in 1858 to captain Gorgônio Paes de Bulhões, resided in Timbaúba farm. Guided by documentation, readings and interviews the research focuses on the writing of the Miranda family history and its importance in the construction of the Ouro Branco social memory.

KEYWORDS

Miranda family. Farm Timbaúba . Ouro Branco. Slaves.